

ÁFRICA, PORTUGAL E BRASIL: UM NOVO TRIÂNGULO DAS BERMUDAS?

*Neusa Maria Mendes de Gusmão**

Resumo: Brasil e Portugal, dois países separados pelo oceano Atlântico, formam com o continente africano um novo triângulo, que faz lembrar o famoso Triângulo das Bermudas. Visível em sua espacialidade e geografia, esse novo triângulo contém um intenso trânsito de pessoas, ideias, culturas e projetos, nem sempre tão visíveis ou suficientemente esclarecidos, tal como o que se perde ou se imagina acontecer no famoso triângulo já mencionado. Assim, a proposta do presente texto é a de colocar em tela realidades de migrações temporárias com finalidade de estudo por parte de jovens africanos no Brasil e em Portugal, para tratar dos processos ainda em acontecimento que expõem a questão das migrações contemporâneas e das geografias humanas em trânsito pelo mundo globalizado.

Palavras-chave: Africanos. Migração. Educação. Cultura.

Africa, Portugal and Brazil: a new Bermuda Triangle?

Abstract: Brazil and Portugal, two countries separated by the Atlantic Ocean, forming with the African continent a new triangle which remind us of the famous Bermuda's Triangle. Visible in its spatiality and geography this new triangle contains an intense traffic of people, ideas, cultures and projects, not always as visible, or sufficient enlightened, such as what is lost or what we imagine happens at the famous triangle already mentioned. Thus, the aim of this text is to put on screen realities of temporary migration, in order to study, realized by young Africans in Brazil and Portugal, to talk about the process that is still in development and which exposes the issue of the cotemporary migration and human geographies in transit around the globalized world.

Keywords: Africans. Migration. Education. Culture

INÍCIO DE CONVERSA¹...

O Triângulo das Bermudas situado no oceano Atlântico, em algum lugar próximo do país de mesmo nome, empresta neste texto o mote para se pensar a questão das migrações com finalidade de estudo. Migração que, chamada de temporária e especial,² no caso que aqui se expõe, envolve

* Antropóloga e professora titular do DECISE – Departamento de Ciências Sociais na Educação, Faculdade de Educação da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. E-mail: neusagusmao@uol.com.br.

¹ O presente texto dialoga e reproduz passagens de outros textos de mesma autoria, por ora revisitados num novo debate. Tais textos estão citados na bibliografia.

² Migrações Temporárias e Especiais, segundo José de Souza Martins, se definem aqui a partir de dois contextos: o do migrante que se considera “fora de lugar” e cuja migração não se cumpriu plenamente seja pela “dessocialização nas relações sociais de origem”, seja pela “ressocialização nas relações sociais de “adoção” (SILVA, 2005, p. 61). Por sua vez, formas especiais de migração, segundo Garcia (2004, p.15), são compreendidas como de substituição de

peças de origem africana em Portugal e no Brasil. A existência do triângulo já mencionado presta-se a divagações fantasiosas das mais variadas ordens, e, algumas bastante cétricas e outras prováveis. O que é significativo é que os acontecimentos dessa latitude geográfica e física envolvem, sobretudo, desaparecimento de objetos palpáveis como aviões, barcos etc. Coisas materiais, em nada próximas dos processos de perda e de conquista com que a migração especial com finalidade de estudos possa ser identificada. Por que, então, a razão desse mote?

Antes de qualquer coisa Brasil e Portugal, como dois países separados pelo mesmo Atlântico, formam com o continente africano um novo triângulo, que visível em sua espacialidade e geografia, contém um intenso trânsito de pessoas, ideias, culturas e projetos, nem sempre tão visível ou suficientemente esclarecido, tal como o que se perde ou se imagina no famoso triângulo das Bermudas. Entre fantasias, sonhos e projetos, ao sujeito que migra com a finalidade de obter uma qualificação profissional que permita um movimento de ascensão e mobilidade por via dos estudos, impõe-se a realidade da migração, mesmo que temporária ou especial, e as condições objetivas da formação e retorno ao país de origem. Como afirma Castro (2001, p. 27), os migrantes do mundo contemporâneo são os/as andarilhos de uma nova era, que como indivíduos sociais partilham de diferentes coletivos e constroem muitos mapas “em que escapam ou em que se perdem”, tal como acontece com navios, aviões e pessoas no triângulo das Bermudas já citado. Contudo, a autora lembra que, de uma forma ou de outra, os processos suscitados pela migração contemporânea dizem muito disso que é o século XXI e cabe ao pesquisador a análise da realidade migratória de estudantes africanos para o Brasil e Portugal, de modo a dizer um pouco desse contexto ainda pouco visível e estudado. Cabe a ele fornecer pistas para pensar e esclarecer da ilusão às fantasias, do projeto à realidade da migração, o outro lado da migração na dimensão daquele que migra para estudar no Brasil e em Portugal.

ENTRE REALIDADES: TEORIAS, TRÂNSITO E SONHOS

As “realidades em trânsito” (MOURÃO, 2003), representadas pelas migrações temporárias de estudantes africanos no Brasil e em Portugal, impõem como necessário compreender o trânsito das vivências, experiências, sentimentos, valores “fora de lugar”.³ Uma vivência que, como

quadros administrativos da antiga potência colonial portuguesa por intelectuais brasileiros numa intensa concorrência entre universitários de diferentes procedências nacionais pós-independência. A migração com finalidade de estudo é temporária e não se cumpre plenamente no país de acolhimento e, por sua vez, objetiva formar quadros para atuar/substituir quadros nos Estados-nação respectivos em seu processo de consolidação. Ver Gusmão (2012), no prelo.

³ A expressão fora de lugar é inspirada pelo trabalho de Gomes (2002).

quer Mourão (2003) é também um viver “no lugar”. Assim ser de fora, um estrangeiro, é, contraditoriamente, ser temporariamente alguém do lugar, porque aí se está. O ir e vir no mundo globalizado, porém, diz respeito às relações entre Estados-nação, órgãos públicos responsáveis pela migração e estada desses estudantes; envolve, ainda, as instituições de ensino superior que, por força dos acordos, se abrem para recebê-los. Em alguma medida, todas as instâncias envolvidas partilham de uma situação comum: o pouco ou quase nenhum conhecimento sobre quem é esse jovem, o que pensa, como vive, quais seus desejos, quais os impasses de se estar onde “não é necessário acostumar-se, pois não se é daqui. Apenas está aqui.” (DANTAS, 2002, p. 113).

A presença dos que migram para viver, mesmo que temporariamente, em “*terra alheia*” implica a natureza contemporânea de fluxos diversos dos quais resultam muitos problemas e dificuldades do lado de cá e do lado de lá do Atlântico. Entender o que os move de um lado a outro do planeta resulta da busca por algo que ainda não é possível obter em seus lugares de origem em razão dos processos recentes de construção das novas nações africanas,⁴ até pouco tempo assoladas por guerras e lutas internas. Contudo, mais do que isso, a recente expansão dos sistemas de ensino superior públicos e privados em lugares como Angola, Moçambique, Cabo Verde não foi acompanhada por um processo significativo em termos de qualidade de ensino, o que muitas vezes, resulta na qualificação em terras europeias e, mais recentemente, no Brasil. Assim, na busca por acesso à educação, processos de imigração temporária, de imigração provocada, de exílio circunstancial e outras tantas designações referenciadas por estudiosos, resultam do fato de que homens e mulheres se fazem indivíduos transculturais. Trata-se de imigrantes temporários que se voltam, não apenas aos processos de qualificação, mas também são sujeitos ativos dos processos cujas metas dizem respeito ao próprio desenvolvimento⁵ de seu país de origem. No entanto, para os sujeitos envolvidos nos processos migratórios, tais metas podem ou não ser conscientes, dado que a migração ocorre, na maioria das vezes, num jogo aparente de individualidade, de escolha e projeto de âmbito restrito aos indivíduos e suas famílias. Como isso se realiza? Por que meios e quais os possíveis significados desse processo nas várias dimensões envolvidas? Não é possível responder a todas as questões que um contexto como esse suscita, mas são elas que dimensionam o significado e o alcance

⁴ A referência diz respeito aos PALOP – Países de Língua Oficial Portuguesa – formados pelos seguintes países africanos: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

⁵ Trata-se de processos de Circulação Internacional (CI) que podem ou não estar atrelados a acordos bilaterais de cooperação entre países e, portanto, dizem respeito a processos relativos à configuração dos Estados nacionais emergentes em África.

para a reflexão que aqui se constrói, no sentido de encaminhar inferências e suscitar outras questões como necessárias.

Portanto, o que pode ser inferido é que há algo de novo nos fluxos entre países e culturas, posto em movimento por esses sujeitos que atravessam fronteiras e se desterritorializam numa vida aparentemente sem destino claro e que ainda queda por ser compreendido. Também, infere-se que os fluxos contemporâneos não encontram suficiente apoio nas teorias e conceitos de campos de conhecimento diversos e consolidados. O caso dos estudos de imigração e imigração internacional, temas já tratados num universo de estudos mais tradicionais, não comporta explicações suficientes quanto à natureza desses processos e, polêmicas à parte, o fato atual e crescente de estudantes africanos na Europa, nos Estados Unidos da América e, em números cada vez maiores, em países em desenvolvimento como o Brasil, revela um momento particular da globalização que altera as relações sociais e econômicas no mundo como um todo e faz crescer a imigração africana dos PALOP para o Brasil. Temporária ou não, tal imigração vem assumindo uma dimensão e realidade que está a exigir investigações consistentes e orientadas sobre o que é ainda, uma “realidade invisível” no contexto brasileiro.

Outra inferência possível é que a questão dos estudantes africanos no Brasil não é um movimento de simples deslocamento de indivíduos entre um país de origem e um país de acolhimento. Para além da questão que diz respeito aos países de origem e suas metas e realidades, destaca-se o fato de que a vinda desses estudantes africanos para um país como o Brasil envolve questões específicas. Trata-se do Brasil como país multirracial e integrante dos chamados “países emergentes”, mas que se diferencia de outros países, até muito recentemente privilegiados, na busca por qualificação de quadros por parte dos PALOP. Em questão a posição de um país relativamente periférico na divisão internacional do trabalho, com um passado igualmente de colonização portuguesa e que, estruturalmente mestiço e negro, se pensa branco e europeu. Em debate a existência de processos intensos de discriminação e racismo na realidade brasileira e a percepção e vivência do sujeito negro e africano nesse contexto. Como o racismo se lhe apresenta? De que forma o compreende? Quais os recursos de que dispõe para agir/reagir às formas de discriminação sofridas no universo brasileiro e, em particular, no interior do mundo acadêmico? Quais os efeitos dessas vivências na estruturação do viver “fora de lugar” e na própria identidade pessoal e coletiva? Que reflexos desse contexto incidem nos projetos individuais e coletivos que carregam consigo quando realizam o ato de migrar para buscar qualificação profissional e intelectual em terras estrangeiras? Como isso reverbera na expectativa do retorno e da inserção no mundo do trabalho de seus países respectivos?

Nessa medida, entre realidades colocadas em trânsito e muitos sonhos, cabe olhar os estudantes africanos em solo brasileiro com base na existência de relações supranacionais típicas de um mundo globalizado no interior de um jogo de relações que lhe é próprio, mas não só. Assim, a circulação internacional com finalidade de estudo se faz no interior de um campo de poder que envolve a possibilidade da ascensão social e política para estudantes, famílias e grupos sociais diversos que ordenam por mecanismos singulares um campo de tensão entre sujeitos migrantes quando *fora de seu lugar*. Se isso diz respeito aos processos de mobilidade e ascensão, diz respeito também às dificuldades sociais e culturais que moldam identidades próprias e singulares. A imensa diversidade de modos de ser, estar e viver no Brasil, presente nos grandes núcleos urbanos, nos quais se situam universidades e institutos de ensino superior, exige ter em tela não só a diversidade de nacionalidades, mas, também, de culturas e etnias, bem como exige ter presente o contexto de relações raciais de um país racista e desigual. Assim, a distribuição espacial, a conformação heterogênea de grupos, com forte sentido de localidade, ajuda mútua e, ainda, fatores relativos à forma de moradia, condição familiar, econômica, de raça e de gênero, entre muitas outras, atuam semelhantemente às partes de um leque de alternativas complexas, tensas e desafiadoras.

Fundamentalmente, quer se fale de imigrantes de fato ou de imigrantes temporários na condição de estudantes, não se pode pensá-los enquanto sujeitos de uma realidade homogênea ou de uma comunidade de iguais. Trata-se de grupos que conformam coletividades, no sentido, adaptado de Baugarten, ou seja, de um grupamento de indivíduos que possuem a mesma procedência, já que nascidos em África, porém de diversos contextos nacionais, étnicos e tribais (BAUNGARTEN, 2004). Indivíduos que, nos diferentes espaços urbanos, num contexto de imigração e de refúgio, constituem um locus de interação e interrelações, não isento de concorrência e de conflitos. Encontram-se voltados para a produção da vida pessoal e coletiva, mediante uma complexa rede de operações, decisões e negociações que ordenam representações sociais, alimentadas por um *ser de lá* (África) *estar aqui* (Brasil), mas que não se limita a esse aspecto.

Compreende-se que o que são e expressam depende de relações históricas concretas, do passado e do presente, como também dependem das relações que constroem no cotidiano de sua vida, no aqui e agora de sua existência e, de modo particular, no interior da universidade e do processo educativo. Assim, se faz possível conhecer os esquemas de pensamento e de trajetórias, como diz Garcia (2004), em que o que está em jogo é a formação de novas elites africanas e a conformação de nações emergentes. Assim, tal qual o Triângulo das Bermudas, a triangulação geográfica e social entre Brasil, Portugal e África, no trânsito entre sonhos e realidades, intensifica processos de ganhos e de perdas em termos de pessoas, ideias, culturas e projetos, que necessitam ser, ainda, esclarecidos.

EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO BRASIL: O QUE DIZEM OS SUJEITOS

Discursos cruzados e diversos – do imigrante, do estudante e africano –, e também dos brasileiros com quem eles convivem, fornecem a matéria prima necessária para compreender a natureza das interpretações contidas nas falas, saber quem fala e de que lugar emite sua fala. O fato motiva que se pergunte: o que significa e representa ser imigrante, africano, negro e estrangeiro num país como o Brasil?

Segundo Pedro (2000),

(...) estudantes africanos são, por um lado, aceitos pela população por serem considerados intelectuais universitários, munidos de uma condição financeira estável e estrangeiros (os estrangeiros são geralmente bem vistos); e, por outro lado, são expostos a toda discriminação racial e social, quando confundidos com afro-brasileiros. (p. 15).

A presença desse estudante que vem de outras terras evidencia o significado da “raça” na realidade brasileira, visto pela cor da pele e pelas relações que se estabelece com o chamado “outro”, brasileiro ou estrangeiro, porém, também negro. Invisibilizados no espaço universitário, no trato por parte dos órgãos gestores da universidade, em suas estatísticas e assistência, são, também, invisibilizados para o alunado que com eles partilham o espaço da sala de aula e demais espaços. Um alunado que desconhece quem são, sobretudo por vê-los como “africanos”, categoria genérica e desprovida de especificidade a não ser a que se refere a um lugar distante, desconhecido e indistinto: *a África*.

Genericamente tidos como “africanos”, por parte dos brasileiros, será nesse contexto de diáspora que eles próprios, estudantes de origem africana, que em África não se pensavam como tal, passam a se assumir como “africanos”. Constroem uma identidade própria e nova, capaz de unir o diverso que representam para, então, estabelecer a solidariedade possível entre diferentes feitos iguais e homogêneos: indistintamente *africanos*.

Subvertem-se com isso os sentidos que lhe são atribuídos pelos brasileiros e se estabelecem redes de ajuda, de colaboração e apoio entre sujeitos que, de outro modo, não se uniriam como parte da coletividade de estudantes africanos no Brasil, nesta ou naquela cidade. Isso não quer dizer que as diferenças de nacionalidade, de etnia, de crença religiosa, de opção partidária e outras, gestadas no mundo africano, se esvaíam em definitivo. Pelo contrário, os próprios sujeitos falam da vida que se vive na terra brasileira, de como se unem e de como se distanciam nas singularidades de suas histórias pessoais e coletivas, histórias essas que expõem as histórias das muitas Áfricas que o brasileiro desconhece e que revelam os pontos que marcam os modos de ser e de estar no Brasil.

O desconhecimento do mundo africano em sua complexidade implica o fato de que há preconceito, há racismo no jogo das relações sociais cotidi-

anas. Um depoente de Hortolândia, cidade próxima a Campinas, com elevada concentração de angolanos, afirma: “a discriminação é camuflada, não aparece e nunca percebi em dezoito anos de Brasil, basta a pessoa se colocar no seu lugar, vive bem”. Ainda assim se reconhece o fato de não serem brasileiros e africanos em geral, sujeitos iguais, “cada um tem a sua maneira de ver as coisas, cada qual tem o seu ângulo”. Esse ângulo também tem a ver com a razão da migração, que pode ser compreendida em dois eixos, segundo Gomes (2002). No caso da maioria dos estudantes universitários de migração mais recente, a motivação de deslocamento da terra natal pode ser compreendida no atravessar o Atlântico tendo por objetivo *estudar*, mas há uma geração mais velha, principalmente entre angolanos que, em meados dos anos de 1990, migraram com a finalidade de se *exilar* e, aqui chegados, fizeram-se estudantes.

Assim, o exemplo desse contingente de migrantes diz do fato de serem todos angolanos de nacionalidade, porém procedem de diferentes etnias e se diferenciam no Brasil, conforme tenham o visto de refugiados políticos ou de estudantes, tenham vindo com bolsa concedida pelo governo de seu país ou, mesmo, pelo governo brasileiro.⁶ Do mesmo modo, a união entre africanos em solo brasileiro não é tão fraternal, como se imagina. As distinções de que são sujeitos, angolanos e indivíduos de outras nacionalidades dos PALOP, estabelecem entre eles diferenças internas aos grupos e também externas, com implicações positivas e negativas no cotidiano vivido na “terra do outro” e, ainda, se acrescem em acordo com as diferenças de gênero, de religião, de participação/simpatia política partidária nos países de origem, entre outros aspectos. Trata-se de um contexto de tensão e luta permanente, que se arrefece nos momentos de lazer e festas e que se repõe mais à frente no dia a dia.

No dia a dia nem sempre há interesse claro em conhecer uns aos outros dentre os estudantes estrangeiros e africanos. A situação é a mesma em relação aos brasileiros e vice-versa. Uma hipótese para essa divisão parece resultar da forma como esses estudantes se inserem na realidade brasileira. Quando chegam ao Brasil, normalmente dividem apartamentos com os próprios conterrâneos, pois são esses que os recebem no aeroporto. Resulta também da crença em superioridade desta ou daquela cultura, deste ou daquele grupo étnico, gerando, entre eles, como diz Pedro (2000), “brigas morais e isolamento” (p. 81). No entanto, ao mesmo tempo em que a divisão parece enfraquecer o coletivo, ela revela uma força no sentido de fazer que as pessoas se “sintam mais em casa”. É nesse sentido que as

⁶ A observação refere-se aos programas PEC-G e PEC-PG - Programa de Estudante Convênio de Graduação e de Pós-Graduação – que visa à formação de quadros nos países desenvolvidos e ou em desenvolvimento, signatários dos Acordos de Cooperação. Ver: Pedro, Verônica Tchivela (2000).

festas podem representar apenas um momento em que o dia a dia cansativo e solitário desaparece e os estudantes se encontram com os conterrâneos para se “sentir em casa”, com os amigos, as músicas, as danças e muitos pratos típicos. Portanto se, por um lado, a divisão por países traz à tona as diferenças culturais entre os grupos de cada país, por outro lado, a mesma divisão fortalece os laços territoriais entre os componentes de um mesmo grupo. E se, para um filho (a) longe de casa, a dor da saudade é imensa, construir uma família de amigos longe de casa é um grande ganho, embora esse ganho se dê em detrimento do afastamento dos verdadeiros familiares, que aguardam sua volta no país de origem.

O caso de estudantes africanos de diferentes procedências em Santa Catarina é emblemático. Suas falas, “muitas vezes contraditórias”, mostram que são “ora africanos, ora angolanos, ora se pensam cubanos; que são vistos ora como afro-brasileiros, ora como negros, ora como negros esquisitos” (PEDRO, 2000, p. 16). Assim, o fato de os estudantes africanos estarem fora de lugar, temporária ou definitivamente, e ansiarem pelo regresso ao lugar de origem, complica-se, posto que já não se tem muito claro a que lugar pertencem. Haveria um lugar de pertença? O que dizer quando seguem em férias ou em visita à casa dos pais e parentes e estes estranham seus modos, seu sotaque e atitudes?

Por seus novos modos, pela forma de se vestir, se comportar, ele próprio já não mais se reconhece plenamente no grupo de origem, ao mesmo tempo, se estranha naquele mundo. Do mesmo modo que é estranhado pelos que ficaram naquele mundo. Vê a si mesmo como sujeito moderno, globalizado e portador de perspectivas, valores de outra ordem que se contrapõem aos valores e costumes próprios dos contextos mais tradicionais. Percebe que já não se é mais inteiramente dali, mas também sabe que não se é das terras onde está em busca de novos rumos por meio dos estudos e de qualificação profissional. Nestas, ele e todos os demais que procedem da África são, sobretudo, estrangeiros e depois, “africanos” e negros. Na África o que são: angolanos, moçambicanos, caboverdianos, guineenses, são-tomenses. São balantas, fulas, papel, quimbundos, ovibundos, crioulos, mestiços sem referência étnica e assim por diante.

No emaranhado da visibilidade/invisibilidade, da presença e da não presença resultantes da condição diaspórica que os coloca “fora de lugar”, para, contraditoriamente, se qualificarem no sentido de contribuir na construção “do lugar” de suas nações emergentes, de um novo Estado-nação que necessita deles comprometidos, como futuro de seus quadros dirigentes e gestores, são eles o “homem-novo”, mas qual “homem-novo”? O que ambicionaram seus pais e parentes na ótica da libertação movida pelo ideário socialista e que norteou a busca pela educação fora da África, logo após a independência? Um “homem-novo” transnacionalizado e idealizado pelo capitalismo africano que agora, nomeadamente, constitui o ideário dos

PALOP e, talvez, seu próprio ideário pessoal? Que “homem-novo” se é ou se pretende ser?

O que se sabe é que “a imigração desses estudantes faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento” (PEDRO, 2000, p.19) em seu respectivo país de origem. O que ganham e o que perdem, o que aprendem e o que esquecem ao permanecer longo tempo “fora de lugar” é hoje o desafio para as autoridades do país de origem. É desafio, também, para familiares, parentes e amigos, que, muitas vezes, se sacrificaram para lhes dar o apoio de ir à busca de seus estudos e, assim, quando formados retornarem aos seus e à nação de origem. Quantos voltam? Não se sabe ao certo. Sabe-se que muitos não voltam.

Não voltar depende das oportunidades de trabalho e de vida que os levam a permanecer, consolidar laços de solidariedade entre africanos, entre africanos e brasileiros e de brasileiros para com africanos. No entanto, é bom não se enganar: as relações entre povos africanos e povo brasileiro, apesar das similitudes culturais e históricas, como muitos estudos de estudantes africanos no Brasil sugerem, não constituem relações entre países irmãos.

O universo de preconceito, discriminação e racismo atinge a todos no Brasil. Diz um jovem de vinte anos: “ser negro no Brasil é muito difícil, só pelo fato de ter uma pele negra, as coisas da vida se tornam complicadas” (GUSMÃO, 2006).

O mundo social e educacional aparece como que limitado pelo racismo “camuflado” da sociedade brasileira e se acirra no contexto de cidades grandes. Com isso, os estudantes apontam para situações complexas de racismo, isto é, em que existe não somente o preconceito entre branco e negro, negro brasileiro em relação a negro africano, mas também o oposto. Alguns estudantes falam que mesmo no próprio grupo há amigos africanos que fazem brincadeiras dizendo: “Os africanos são a elite da raça negra, pois são negros puros (da África)”; nesse sentido, esses estudantes também criam formas de distinção em relação ao negro brasileiro.

Há uma dificuldade de relacionamento com os brasileiros, que muitas vezes não dão atenção aos colegas africanos. Nesse sentido, os africanos preferem conviver com seus conterrâneos. Mas não é só isso, existe mais solidariedade com os grupos de estudantes estrangeiros de outros países ou até brasileiros vindos de outras cidades, pois que estes também se sentem “estrangeiros” e solitários em sua vivência universitária.

O estranhamento diante do outro é uma constante e revela concepções naturalizadas, folclorizadas em meio a um imaginário que, socialmente construído, revela o lugar da África e dos africanos para os brasileiros. Por outro lado, o estudante africano raramente se vê como estrangeiro. Muitos se dizem “*passageiros*”, pois estão “*de passagem*” no Brasil.

DE TRÂNSITOS E PASSAGENS: UM NOVO TRIÂNGULO DAS BERMUDAS?

No Brasil, o sujeito negro e africano sofre processos, nos quais à questão da origem e da cor da pele se juntam outros aspectos como elementos-suportes de ações racistas e discriminatórias. Por parte dos brasileiros, a discriminação se coloca, não apenas com relação à origem e a cor, mas em razão de serem os estudantes africanos, sujeitos de benefícios propostos pelos acordos bilaterais de seus países com o Brasil, o que lhes facilita o acesso à educação, nomeadamente de nível superior. Para muitos brasileiros, tal fato soa como privilégio e ofensa, já que para os nacionais o ingresso em uma universidade exige superar barreiras nem sempre em condições de serem transpostas.

Nesse sentido, a condição de grupo étnico e a necessidade de desenvolver estratégias de sobrevivência dos indivíduos e grupos de indivíduos frente a crises, dificuldades e rupturas que vivenciam em seu cotidiano, no interior das cidades brasileiras e das universidades que os recebem evidenciam a natureza do contato e confronto com a sociedade nacional em que se inserem. Em questão, a visão de mundo e as expectativas de africanos e também de brasileiros, uns sobre os outros, na compreensão e aprendizagem das relações de alteridade e de poder que estão em jogo. Como diz Geertz (1978, p.11), o que o homem é depende de onde ele está e com quem, depende de quem é e no que acredita ser inseparável dele. Nessa medida, depende da sua relação com outros homens, da posição que ocupa, da história que partilha em comum, depende do espaço em que está e vive. É desde esse conjunto de fatos que emite sua fala e compreensão de mundo. Sua fala supõe, portanto, a presença do outro – pessoa, coletividade, instituição. Assim, na busca de conhecer a trama vivida “fora de lugar”, este debate se propôs ouvir diferentes vozes, emitidas de diversos lugares sobre isso, estabelecer e aprofundar fatos, sujeitos e realidades em presença. Visa, sobretudo, demarcar identidades próprias e processos singulares no mundo contemporâneo.

A questão do trânsito de pessoas, culturas, valores colocadas no pano de fundo do “*estar de passagem*” revela a fragilidade das relações entre os homens que faz do viver “fora de lugar”, na “terra do outro”, terras brasileiras, um campo de luta no qual, dizem os estudantes africanos: “*lutamos prá sobreviver*”, aguentando saudades, o desespero, a solidão e “*a falta da falta de*”.

Se esta é a perspectiva daquele que fala, o estudante africano, ela é também reveladora do palco e do cenário estabelecido pela migração especial e temporária que expõe a complexidade do tema em tela e a ela se acrescenta a absoluta contemporaneidade do fenômeno migratório ao final do século XX e seu desafio, tal qual desafia o triângulo das Bermudas: o que se ganha, o que se perde? A dinamicidade do fenômeno implica ausência de estudos sólidos e suficientes a que recorrer. Nesse sentido, os sujeitos imi-

grados, estudantes originários dos PALOP, são a fonte mais consistente de apreensão do fenômeno, o que significa que, aqui, se privilegiou o recorte do universo pelo caminho das práticas e representações sociais de seus atores.

As falas e o contexto em tela apontam para o fato de que todos os que migram para estudar explicitam a relevância do campo educacional no universo das relações de poder estabelecidas nacional e internacionalmente. A educação é, assim, um meio instrumental de manutenção e reprodução do *status quo* ou um instrumento de libertação e autonomia para os países em consolidação enquanto Estados nacionais e aqui reside a incógnita do triângulo das Bermudas, que a migração temporária e especial com finalidade de estudo representa. O quanto de um ou de outro desses processos se realiza nas trajetórias daqueles que deixam a África para estudar no Brasil, é uma indagação que permanece atrelada à história contemporânea dos Estados-nação africanos na luta para se consolidarem como nações modernas e transnacionais. Trata-se de processos em acontecimento e o que se pode concluir por ora é que, sem dúvida, a qualificação de quadros com base na formação em nível superior no Brasil contribui de modo fundamental para o jogo entre nações e o papel que os PALOP vêm assumindo nas relações Sul-Sul.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BAUNGARTEN, M. "Comunidades ou coletividades? O fazer científico na era da informação". Política e Sociedade. *Revista de Sociologia Política*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFSC. Florianópolis, Cidade Futura, nº 4, p. 97-136, abr. de 2004.
- CASTRO, M. G. (Coord.) *Migrações internacionais: contribuições para políticas, Brasil 2000*. Brasília: CNPD, 2001.
- DANTAS, I. L. *Entre o projeto de vida e o projeto cultural: o lugar do estudante angolano*. Dissertação de mestrado. Pp. 171 Departamento de História, PUC- RJ. Rio de Janeiro, 2002.
- GARCIA, Afrânio. O exílio político dos estudantes brasileiros e a criação das universidades na África (1964-1985) In: Almeida, Ana M.F et all. *Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOMES, J. M. S. *Estudantes na terra dos outros*. A experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. 2002. p.172 Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- GUSMÃO, N. M. M. de. *Os Filhos da África em Portugal*. Antropologia, multiculturalidade e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. Trajetos identitários e negritude: jovens africanos no Brasil e em Portugal. *IMPULSO*. Revista de Ciências Sociais e Humanas. Piracicaba SP: Unimep, v. 17, n. 43, p. 45-57, maio/ago.2006.

_____. África e Brasil no Mundo Acadêmico. Diálogos cruzados. In: COSTA, A.B.; BARRETO, A. (Coords.) *COOPEDU – Livro de Actas “Congresso Portugal e os PALOP: cooperação na área de educação”*. Lisboa,PT: CEA/ISCTE-IUL/IPL, mar. 2010. p. 283-299.

_____. Fora de lugar: imigração, educação e mobilidade. In: OLIVA, A.R.; COELHO, M.F.P.da C. (Orgs.) *O ensino de história da África em debate: saberes, práticas e perspectivas*. Goiânia: PUC Goiás, 2011.

_____. Africanos no Brasil, hoje: imigrantes, refugiados e estudantes. Dossiê: “Juventudes, expressividades e poder em perspectivas cruzadas”. *Revista TOMO*. Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – NPPCS. N. 20, Jul/Dez 2012. Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão (SE) (No prelo)

MOURÃO, D. E. *Identidades em Trânsito*. Um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza. 2003. p. 88. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - FCS/ UFC – Fortaleza.

PEDRO, V. T. *Identidades traduzidas num mundo globalizado: os estudantes “africanos” em Florianópolis*. Dissertação de mestrado. p. 137 Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2000.

SILVA, M. A. de M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. IN: DEMARTINI, Z. de B. F.; TRUZZI, O. (Orgs.) *Estudos migratórios, perspectivas metodológicas*. São Carlos:Edufscar, 2005 p. 53-86.